

ENTRE SONHOS E IMAGENS QUE SE RECORTAM E COLAM: A COLAGEM COMO DISPOSITIVO CLÍNICO-POLÍTICO EM PSICANÁLISE

ITAQUY, Gabriela Weber¹
PALOMBINI, Analice de Lima²

RESUMO: Este artigo possui como objetivo geral a identificação de uma clínica política psicanalítica que permeie o olhar para as narrativas e o testemunho das atuais violências de Estado, focando nos testemunhos produzidos pelos arquivos publicizados do coletivo Artesania dos Dias. Dentre os objetivos específicos estão analisar os modos de transmissão do traumático e os possíveis efeitos clínicos da prática coletiva de colagem manual. Assim, busca-se, por meio da psicanálise e da psicologia social, remontar um tempo social e político, que possibilite a construção de narrativas e espaços de ressignificação e transmissão das violências sofridas, além de sustentar um posicionamento da psicanálise diante do sofrimento psíquico do sujeito e sua dimensão sociopolítica.

PALAVRAS-CHAVE: traumático; violência; testemunho; colagem; clínica política de psicanálise.

BETWEEN DREAMS, CUT-OUT AND PASTED IMAGES: COLLAGE AS A CLINICAL- POLITICAL DEVICE IN PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT: This article aims, in general, to identify a psychoanalytic political clinic that informs the perspective through which narratives and testimonies of contemporary state violence are examined, focusing on testimonies produced from the publicized archives of the

¹Psicóloga e Psicanalista. Mestre e Doutora em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Email: gabi.itaquy@hotmail.com Email: gabi.itaquy@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7774-6176>

² Psicóloga. Professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente convidada do PPG em Psicologia Social e Institucional da mesma universidade. Mestre em Filosofia pela UFRGS. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: analice.palmobi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8332-8292>

collective Artesania dos Dias. Among its specific objectives are the analysis of the modes of transmission of the traumatic and the possible clinical effects of collective manual collage practices. Thus, through psychoanalysis and social psychology, the aim is to reconstruct a social and political context that enables the construction of narratives and spaces for reinterpreting and transmitting the violence suffered, as well as to establish a position for psychoanalysis regarding the subject's psychological suffering and its sociopolitical dimension.

KEYWORDS: traumatic; violence; testimony; collage; political clinic of psychoanalysis.

Introdução

Em outubro de 2018, durante a campanha eleitoral para presidência no Brasil, as Escutadoras – grupo formado na maioria por psicólogas que se uniram com a intenção de organizar rodas de conversa contra as violências vividas na época – propuseram encontros coletivos públicos que demonstraram que a linguagem já não dava conta do vivido e que os sujeitos estavam emudecidos. O mal-estar se viu intensificado com a confirmação da eleição de Bolsonaro para presidente.

Naquele momento, era constante o grande avanço da extrema direita no país e o flerte com o retorno da ditadura. As pessoas demonstravam temor em se posicionar politicamente, dizer o que pensavam ou mostrar-se como eram, pelo aumento das violências autorizadas e incitadas pelo governo da época, o qual especificava, em seu discurso, não tolerar a diferença. O relato dos sonhos, frequentemente pesadelos, que abordavam a temática política e social passou a ser acolhido através da plataforma online eu @eutiveumpesadelo.

A Artesania dos Dias surgiu, como coletivo, em momento posterior à formação das Escutadoras, investindo na possibilidade de trabalho, por meio dos sonhos e da prática da colagem manual, como um modo de fazer frente ao fracasso da linguagem e ao pesadelo que se impôs atrelado ao mal-estar social vivido – propunha-se, dessa forma, a ampliação dos modos possíveis de nomeação e de edição do excessivo (KASPRCZAK; ITAQUY, et. al. 2019). A proposta inicial era buscar no sonho endereçado ao coletivo aquilo que não era pesadelo através da colagem manual.

O presente artigo é parte de uma tese de doutorado que, tomando a experiência da Artesania dos Dias como guia, aborda modos de transmissão do traumático e desenha algumas pistas que dizem do social mas também de uma trajetória pelas políticas públicas do SUAS e

do SUS, espaços em que a pauta das violências e das violações sempre se fizeram presentes. Trazemos rastros que constroem o tema de pesquisa e elucidam a lógica da colonialidade/decolonialidade que atravessa a escrita, mas também a prática profissional e o corpo dos pesquisadores. Cabe lembrar as palavras do psicanalista Jorge Broide (2020), ao apontar que não conseguimos trabalhar na área social sem engajarmos nisso o nosso próprio corpo. Assim, deve-se fazer uma escuta do território e dos laços inconscientes que pulsam na cidade.

Neste artigo, olharemos para as colagens e escritas alusivas a sonhos narrados, as quais acompanharam o coletivo Artesania do Dias e tomaram a função de arquivo e memória. Ao compartilhá-las, tensionando o seu papel do arquivo, evitamos que fiquem esquecidas em um fundo de gaveta. Afinal, elas servem como guias que auxiliam na montagem de uma constelação do nosso tempo.

O recortar e colar de pedaços de jornais, livretos e revistas possibilitou a criação de modos de estar em coletivo, a construção de narrativas e o traçado de testemunhos do precário. Durante a colagem, produzimos montagens, subvertemos cenas que normalmente estão a serviço do capital, suspendemos a lógica comum e criamos imagens que produzem diferença em meio à enxurrada de imagens prontas.

A colagem oferece um modo de linguagem que abarca os restos faltantes da história, além de propor uma nova montagem histórica do sujeito e do social. Uma via possível de demarcação do nosso tempo, abrindo brechas para uma narrativa contra-oficial. Acredita-se, assim, que o ato de criação possa fazer frente ao silenciamento e aos avanços totalitários. É uma aposta insistente na escuta da palavra escrita, colada e falada como via de apreensão da realidade e de transmissão, acreditando no não apagamento do vivido e no não afundamento na “idiotice sem passado”, tal qual nos lembra Gabriel Garcia Marques (1967) no livro *Cem Anos de Solidão*.

Em suma, o objetivo geral deste artigo é a identificação de uma clínica política psicanalítica através da prática da colagem manual que permeie o olhar para as narrativas e o testemunho das atuais violências de Estado, focando nos testemunhos produzidos pelos arquivos publicizados do coletivo Artesania dos Dias.

Artesania dos Dias: entre sonhos, imagens recortadas e coladas

Redin (2021, p.14) nos lembra que “os sonhos cumprem sua função de proteger a fisiologia do sono, mas também [...] a função de criar imagens para dar contorno ao que no desamparo nos atravessa o corpo”.

Poder olhar e ler a atualidade através de narrativas calcadas em imagens oníricas que, em certa medida, nos dizem dos modos como as pessoas elaboram e dão lugar simbólico para os atravessamentos do presente, nos instigou e nos colocou a questão, que nos levou a criar a Artesania dos Dias, ampliando nossos gestos para além da coleta dos sonhos, incluindo um certo fazer coletivo (KASPRCZAK; ITAQUY et. al, 2019, p.154).

Para Freud, há sempre um pedaço do sonho que fica obscuro e não se deixa desenredar – o umbigo dos sonhos, ponto de onde brota o desejo. Lacan (1954-1955/1985) relaciona o que é inapreensível do sonho com o modo como o sujeito estabelece a sua relação com o simbólico. Ainda, afirma que Freud não acreditava na busca do realismo psicológico ou de uma subjetividade essencial do sonho, já que o que é posto em questão é o que o sonho quer dizer, e o que quer dizer para alguém (LACAN, 1954-1955/1985).

Segue um sonho endereçado ao coletivo em outubro de 2018, período eleitoral para presidência no Brasil:

Andava pelas ruas do meu bairro, uma amiga de infância caminhava comigo. As casas sempre foram quase as mesmas. Não era o mesmo bairro. Paramos em frente à casa de um vizinho. Na fachada, havia uma suástica pichada. Olhei para ela, minha amiga parecia não ver. Falei mais alto; picharam uma suástica. Ela não ouvia. Foi um pesadelo horrível.

Ainda no mesmo mês outro sonho foi encaminhado ao coletivo:

Eu tive um pesadelo. Havia uma imensa teia de aranhas. Um amigo, pacientemente, desmanchava a teia para que pudéssemos passar. Enroladas, como em um casulo, estavam vivas, mas imobilizadas. As aranhas agora andavam e saíam para fora. Primeiro uma mediana, com pelos. Depois, uma muito grande, de patas longas. Armadeira, talvez. Pensava que elas não deveriam ser mortas, mas não sabia como me proteger. Avisei a minha filha que, de agora em diante, deveria tomar cuidado, ao calçar os sapatos.

Os referidos sonhos falam do mal-estar vivido, onde prevalece o medo de não saber em quem confiar e do retorno insistente das violências, torturas, desaparecimentos políticos e assassinatos praticados por agentes de estado. Cenas que passaram a ser cada vez mais constantes também nos sonhos das pessoas. Nos sonhos acima, o risco era trazido como algo

iminente, restando presentes as seguintes escritas: “Falei mais alto; picharam uma suástica. Ela não ouvia” e “de agora em diante, deveria tomar cuidado, ao calçar os sapatos.”

Cabe apontar que tais práticas de violências sempre foram constantes, apesar de omitidas, no país, além de sistematicamente direcionadas ao povo negro, indígena e pobre. Naquele momento, elas passaram a ser verbalmente autorizadas pelos representantes do poder. Charlotte Berard (2017) nos lembra que os sonhos podem ser vistos como um ‘sismógrafo do nosso tempo’.

As oficinas de colagem passaram a acontecer no período imediatamente posterior à eleição de Bolsonaro, de novembro de 2018 a dezembro de 2019, e tinham por ideia “aproximar, compor e criar vizinhanças entre mundos distantes, aproximar e inventar realidades”. Os convites eram feitos através das redes sociais, da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães (local em que aconteciam) e através de colegas e redes afetivas das organizadoras (KASPRCZAK; ITAQUY, et al., 2019, p. 155).

No início das oficinas, liam-se poemas como disparadores dos encontros. Wislawa Szymborska³ (2011), escritora polonesa, inaugurou o espaço com o poema ‘Ocaso do século’, o qual proclama que o século XX deveria ter sido melhor, pois já não deveria mais ocorrer a guerra e a fome. O poema termina com a seguinte questão: “Como viver – me perguntou alguém numa carta, a quem eu pretendia fazer a mesma pergunta”. Como viver passou a ser uma pergunta que indagava o coletivo e que movimentava formas de construção de uma via possível de linguagem, já que a fala não dava conta do vivido.

O coletivo, Artesania dos Dias, escreveu sobre as oficinas:

O grupo-oficina se reúne para construir encontros e criar cotidianos. Um espaço aberto de trabalho através dos sonhos e das mãos. A partir da prática da colagem e das operações do sonho, buscamos criar novas imagens, sempre incompletas e em formação. Experimentamos configurações e reconfigurações que permitam aproximar, compor e criar vizinhanças entre mundos por vezes distantes, aproximar e reinventar realidades (KASPRCZAK; ITAQUY, et al., 2019, p.155).

A metodologia de trabalho foi sendo modificada durante o fazer. Da poesia ao sonho como disparador inicial, das palavras recortadas das revistas às palavras recortadas dos sonhos que eram levados impressos. O fazer do coletivo se deu a partir da ideia de acolher um sonho

³ Wislawa também se dedicava à arte da colagem manual, publicizada através do livro “Riminhas para crianças grandes” (2018)

endereçado e devolvê-lo para o coletivo que trabalhava com o mesmo através da tesoura, cola, papel e revistas. Uma forma possível de comunicação, que seguia a lógica da afetação e da associação livre, propiciando, assim, uma abertura no sentido original, um recorte de palavras, um texto esburacado, além de imagens reformuladas através do fazer coletivo.

Receber e oferecer imagens, espaço, silêncio, palavras. O sonho funcionando na sua potência de narrativa movente, de objeto relacional que colocava a todos em posição de escuta e de criação, ali exercidas especialmente pelo gesto. A cada roda, íamos experimentando os limites e os hiatos na relação entre imagem e palavra, na leitura de uma e de outra, nos efeitos por vezes absurdos, chocantes ou engraçados que as colagens – e os sonhos – possibilitam (KASPRCZAK; ITAQUY, *et al.* 2020, p. 2).

Primeiramente, imagens eram buscadas para serem coladas na folha em branco. Após a primeira colagem por uma das pessoas integrantes do grupo, a folha era repassada a outras. Assim, sucessivamente, a imagem era trabalhada por todos os participantes da oficina. No final, quando a primeira participante recebia de volta a imagem que iniciara, seguidamente pontuava o quanto ela estava diferente do esperado. As novas imagens criadas são sempre incompletas e em formação.

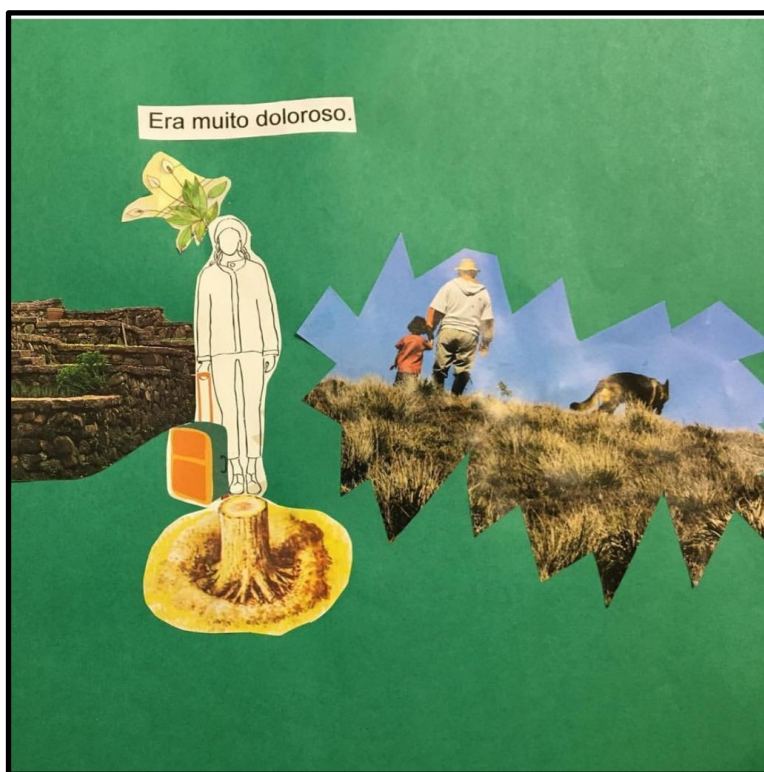
Aposta-se no dispositivo que promove uma espécie de associação livre a partir não somente do papel em branco, mas também da sequência de imagens já colocadas. Cada pessoa escuta a composição que lhe chega e se relaciona com algo, oferece algo àquela conversa, e vamos formando uma economia solidária de imagens e palavras. A equipe proponente participa lado a lado na artesanaria dos encontros-colagens. Provoca, desloca, incomoda, acalma (KASPRCZAK; ITAQUY, *et al.* 2019, p.158).

O seguinte sonho foi recebido pela Artesania e, posteriormente, trabalhado coletivamente na oficina do dia 29 de março de 2019:

Não consigo trabalhar nem dormir direito. Noite dessas sonhei que voltava para casa depois de muitos anos, com as crianças já adolescentes, e encontrava com as minhas gatas velhas em casa. Acordei sem entender nada e depois, contando o sonho para o Eduardo, me deu uma coisa muito forte. Eu tinha sonhado com o exílio. Era muito doloroso.

Na mesma oficina, diferentes colagens foram feitas a partir do mesmo sonho. Nas colagens trazidas neste encontro, ressoaram palavras e frases: “sonho”, “exílio - Não”, “Não consigo - era muito doloroso”, “Era muito doloroso” e “sonho.” Nas imagens, a palavra “sonho” e a frase “era muito doloroso” se repetem. Recortes sobrepostos, imagens inventadas,

o onírico, através dos seus mecanismos, fica presente nas colagens. Imagens de árvore cortada, onde brota uma pessoa sem cor, imagens de violência, sofrimento. Em diferentes colagens aparece uma roda de pessoas que destaca algum modo de proximidade, quem sabe algum coletivo.





A questão do fracasso da linguagem e a temática da autoria e da alteridade são pontos importantes a serem pensados neste dispositivo. O trabalho era coletivo, todos intervinham em todas as colagens, alguns diziam se sentir mais autorizados fazendo maiores intervenções, outros nem tanto, com pontuações pequenas. No final, não nomeavam o trabalho como de sua autoria, bem como entendiam ser melhor deixá-lo com o coletivo para que fosse endereçado a um maior público possível. A colagem manual em grupo só era possível através do processo de alteridade presente, pela identificação com o outro ou o reconhecimento da diferença. O coletivo afirmou em suas escritas: “cada produção era de alguém, era de todos e era de ninguém” (KASPRCZAK; ITAQUY, *et al.* 2020, p. 7).

As oficinas propuseram o pensar sobre o trabalho coletivo, as expectativas de cada um, a relação com o outro, o endereçamento e a reverberação que o sonho, a poesia, a imagem, disparam. Sua forma é similar ao trabalho com o inconsciente e com a associação livre, em que se sustenta a clínica psicanalítica.

Diante do fracasso da linguagem, do medo e do desamparo presentes no mal-estar social vigente, a prática manual da colagem pode instaurar um outro tempo possível e um modo de diálogo com a diferença. O trabalho com um sonho que inicialmente era individual, mas que fala do social, demarca a possibilidade de testemunho. Desse modo, recortar e colar pode ser

uma forma de desfazer a totalidade das cenas de violência, mal-estar e desamparo que ali estavam tramadas e articular uma via possível de linguagem.

Segue um sonho encaminhado para Artesania dos Dias e trabalhado coletivamente no dia 26 de abril de 2019 na Biblioteca Municipal Josué Guimarães com a prática de colagem manual.

Sonhei que eu havia sido assassinada por razões políticas e depois disso me via sobrevoando as ruas do meu bairro, tranquila e feliz, pensando ‘que bom, não tenho mais que me preocupar com nada disso’. Porém, como fantasma, resolvi me dirigir à casa de uma tia advogada e filiada a um partido de esquerda. Queria contar-la (sic) sobre a causa de minha morte, pois ninguém sabia.

No sonho há uma demarcação do avanço das violências de Estado e da fragilidade da democracia, mostrando a retomada das angústias diante de assassinatos e extermínios. O sonhado constitui-se em pesadelo real de muitas pessoas.

A seguir, seguem quatro das colagens produzidas no mesmo encontro:





Cada colagem ganha novos contornos à medida que imagens ou palavras são acrescentadas pelos participantes. Fica a questão sobre como ocorre o processo associativo das tantas desconstruções e reconstruções de novas imagens, feitas a várias mãos. Alguns dos participantes diziam ser tomados por questões estéticas – seguiam cores, tamanhos, proporções; outros referiam que as palavras produziam encadeamentos associativos para colar novos elementos, assim como a tentativa de relacionar o sonho com imagens e com os afetos ativados.

Nas colagens trazidas ressoam as frases: “assassinada tranquila e feliz” montada em uma das colagens; “me via partido”; “iliada - sábia”; e “à casa - como fantasma por razões.” As imagens buscam acompanhar as palavras, situação visível na colagem que aponta a palavra

“iliada”, como uma possível analogia a ilhada, circunscrevendo a mesma por uma boia – uma sensação de isolamento se instaura na imagem. Do mesmo modo, há uma subversão na norma ao colocar lado a lado as palavras “assassinada, tranquila e feliz”, apontando para a quebra do esperado socialmente, já que assassinato e felicidade dificilmente se relacionam ou são colocados na mesma frase de diálogo.

Ao longo das oficinas, observamos que havia um recorte da população que compunha o espaço. Na maior parte, eram participantes mulheres, brancas e com acesso ao ensino superior. Esse fato impactava o coletivo e ativava o pensar sobre a branquitude, a lógica colonial e a possibilidade de oferta das oficinas de colagem com pessoas que ocupassem diferentes espaços sociais. Nessa perspectiva, aceitamos o convite feito por residentes da Escola de Saúde Pública para irmos até uma Associação de Moradores, em bairro periférico de Porto Alegre, a fim de realizarmos uma oficina de colagem com mulheres que gostariam desse espaço manual de atividades e de escuta. A oficina ocorreu uma única vez. Estava prevista sua continuidade, porém, no período subsequente teve início a pandemia do coronavírus, e a necessidade do isolamento social fez um corte abrupto na possibilidade de trabalho. O distanciamento social restringiu o trabalho coletivo com as mãos. Reitera-se aqui que o Brasil viveu a pandemia sob o desgoverno de um presidente que não acreditava na ciência e, assim, não propôs políticas públicas eficazes que visassem o amparo da população.

Até o mês de agosto de 2020, seguimos publicando nas redes sociais sonhos endereçados ao coletivo. Nesse período a população estava tomada pelo medo e precisava reinventar modos de vida. Em 30 de abril de 2020 foi publicado o seguinte sonho:

Tive um pesadelo. Sonhei que extraterrestres estavam invadindo a terra, e eles vinham no meu quarto e invadiam o meu corpo através de uma frequência de luz e vibração vermelha, eu sentia como se estivesse adoecendo e como se meu corpo estivesse fora do meu controle a partir daquele momento. Essa invasão tinha um som muito agudo, estridente.

Em 7 de maio recebemos este outro sonho:

Sonhei que estava em uma gincana, eu e minha mãe. Eram muitos os obstáculos que envolviam pular em pedras para chegar ao topo de uma cachoeira. Reclamo da distância entre os degraus pedras. Olho para cima e vejo uma onda gigante se formando, corremos para dentro de uma casa. A onda passa por cima sem nos tocar, mas retorna como mar em ressaca para nos dragar. Enquanto ela se aproxima, calculamos o tempo exato para trancarmos a respiração, pois não sabíamos quanto tempo ficaríamos submersas.

Em 23 de maio:

Dancei na internada juvenil do CTG por alguns anos da minha adolescência, essa noite sonhei que eu estava em uma apresentação dançando com o meu grupo, mas a energia elétrica acabou e nós ficamos dançando no escuro e sem música, sem saber em qual lugar da pista de dança estávamos. Dançando em silêncio, chorando e escutando gritos de desespero, mas sem parar. Esse sonho me fez refletir e relacionar com a situação atual. Os jovens devem continuar lutando e tentando, mesmo com tantos obstáculos, mesmo com tantas incertezas. É sobre resistir, sobre continuar dançando mesmo quando a energia acabar.

Os sonhos demarcaram as angústias e os medos vividos durante uma pandemia mortífera. Algumas das frases escritas fazem inscrições sobre aquele tempo: “Eu sentia como se estivesse adoecendo e como se meu corpo estivesse fora do meu controle a partir daquele momento”; “Calculamos o tempo exato para trancarmos a respiração, pois não sabíamos quanto tempo ficaríamos submersas”; “Um helicóptero da milícia começou a atirar”; “Dançando em silêncio, chorando e escutando gritos de desespero, mas sem parar.”

Paulo Endo (2009) afirma que o sonho pode ser uma forma de testemunho do absurdo que define o traumático, onde a fonte de excesso permanece no campo extrapsíquico, mas que passa a ficar incrustada intrapsiquicamente.

Sonhar é uma forma de cuidado de nosso aparelho psíquico, ou seja, o sonho não somente é o guardião do sono como também cria figurabilidades ante pulsões, afetos, traumas e situações que ultrapassam as possibilidades perlaborativas da consciência. Sonhar é criar imagens, futuros, projetar saídas, reencenar desastres. A matéria-prima para sua (de)formação é a vida cotidiana. Ainda o sonho, acreditamos, restitui uma dimensão testemunhal ao dito e ao narrado. Ele não apenas insiste e persiste encenando o trauma, mas revela como forma e conteúdo os mecanismos engendrados na experiência traumática (COSTA, et. al, 2020, p. 1).

Dunker *et. al.* (2021) apontam que, quando não dispomos de formas simbólicas, narrativas ou imagens compartilhadas que possam apreender o que se passa, o psiquismo precisa achar modos de dar conta do novo real.

Os sonhos resultam de uma regressão, de uma passagem de excitações dos sistemas inconsciente e pré-consciente à percepção interna, na qual a representação retorna e se transforma em imagens, produzindo uma revivescência alucinatória das imagens perceptivas originais, constituindo-se como a matéria-prima do sonho (FREUD, 1900/2019). O que isso quer dizer? Quer dizer que as impressões e experiências vividas,

elaboradas ou não pelo sistema consciente, são distorcidas e transformadas em imagens nos sonhos. O sonho, apesar de fazer uso de imagens, não está desligado da cadeia significativa (DUNKER, et. al, 2021, p. 40).

No texto introdutório do livro *Sonhos no Terceiro Reich*, de Charlotte Beradt (2017), Dunker questiona sobre o que sonhamos quando a realidade social passa a ser destituída de sentido. O autor salienta que a forma como sonhamos diz da maneira como conseguimos articular o real da política às nossas próprias divisões subjetivas. O sonho não trata de um acontecimento individual e privado, mas sim de experiências intervalares entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado.

Os sonhos são nossa produção própria e insubstituível, mas não sabemos exatamente como os criamos. Sabemos que sua matéria-prima é a vida social ordinária, com seus restos diurnos e pendências cotidianas, mas somos surpreendidos pelos enigmas e estranhezas que eles causam em nós. Eles são como uma obra de arte, uma “artesanania” que o sonhante cria com sua memória, imaginação e desejo (DUNKER, 2017, p.10).

Ao pensarmos uma psicanálise implicada com o social, podemos olhar para a função coletiva do sonho e do sonhar, como meio de compreensão do mal-estar contemporâneo e de expressão de suas angústias. Os sonhos, dessa forma, podem cumprir o papel de testemunhar um tempo.

Em 31 de dezembro de 2020, pelo menos 5 países já haviam iniciado a vacinação. No Brasil, ela começou, de modo atrasado, em 17 de janeiro de 2021. O coletivo Artesania dos Dias ganhou um acervo de revistas, sonhos e colagens que, a partir da entrada da pandemia, ocupou as redes sociais e algumas gavetas e, depois da radicalidade do isolamento social, não retomou a mesma frequência ativa inicialmente. Questões sobre autoria e endereçamento do trabalho passaram a nos interrogar, tanto quanto o próprio coletivo. Assim, a incursão nos arquivos guardados demarca um trabalho de testemunho e de construção de narrativas.

Derrida (2001) nos lembra da importância do arquivo como um espaço de memória. O autor reitera que o arquivo enfrenta a finitude radical, combatendo a possibilidade de destruição, conservando a memória e diferentes verdades. Desse modo, o arquivo é um modo de garantia de futuro.

Os arquivos da Artesania fazem função como memória de um tempo, mas também inauguram o registro de uma possibilidade clínica de escuta e fala diante do campo traumático. Através da psicanálise, o trabalho propicia espaços de escuta, mas também de transmissão e ressignificação do traumático, acreditando em uma clínica política que trabalha com diferentes

modos de linguagem, inclusive por meio da colagem, como um modo de resignificação e aposta no por vir.

Aquele que recebe uma transmissão deve se responsabilizar pelo que é feito dela. Essa responsabilização implica a apropriação dessa herança, marcando nela algo que é próprio de quem a recebe. Quem transmite deve abdicar da propriedade sobre o objeto transmitido, e quem recebe deve poder operar uma torção sobre o que lhe foi transmitido (COSTA, 2014, p. 1).

Montagem, da colagem ao sonho

O processo da colagem impõe uma montagem que estabelece um modo de olhar, uma perturbação, interrupção, distorção do tempo através da disposição rítmica e artística de cada um presente na operação. Assim, através dos recortes e das colagens, tem-se uma leitura possível de mundo, por meio de uma cadeia associativa, estabelecendo sequência e gerando um produto final.

Froemming (2002) aborda o conceito de montagem para o cinema e descreve o enquadre, a escolha de um ângulo, cortes de cena ou uma tomada de plano como meios de expressões. Ressaltamos aqui que a colagem manual possui montagens e enquadres diversos, inclusive de cortes e recortes de imagens que aproximam a experiência com a da montagem do cinema.

É como uma forma de montagem, também, que Lacan (1964/1985) propõe a pulsão – força psíquica constante que não cessa de buscar a satisfação mesmo que fadada ao desprazer ou à destrutividade – discorrendo sobre a sua desmontagem. Lacan aproxima a montagem da pulsão à colagem surrealista, como algo sem sentido prévio, sem início ou fim, sem causa ou objetivo.

Através da colagem os surrealistas buscavam explorar o encontro causal de realidades distintas, de elementos disjuntos, produzindo surpresa no espectador, produzindo efeitos de ruptura com o convencional e permitindo a repentina aparição de aberturas, de multiplicação de sentidos. Em seus trabalhos eles buscavam o insólito, o inesperado, tematizavam e propunham jogos literários, indo em direções em que o homem comum supunha não encontrar nada, isto é, seguiam uma direção avessa àquela que governa a busca do sentido (FROEMMING, 2002, p. 24).

Na colagem, os surrealistas apreciavam o processo pelo qual o uso da imagem a transformava numa outra realidade resultante da poesia plástica. Max Ernst percebeu, em suas

experimentações, que o processo não acontecia somente no ato de colar e, sim, na relação com a imagem. Interessava o distanciamento da imagem do seu cenário habitual, a união de elementos que resultava em um outro significado que também vai ser dado pelo expectador da obra (FONSECA, 2009).

Conforme Ernst (MoMA, 2025) , a colagem propõe uma visão febril quando embaralha a norma e cria diferentes construções de mundos. Afinal, o que olhamos e o que nos olha em uma colagem?

Considerando estas modulações que constroem o tempo lógico, tal como formula Lacan, podemos pensar que a colagem nos convoca ao instante de ver, passando pelo tempo de compreender e o momento de concluir.⁴ Assim como outras formas de expressão artística e/ou de comunicação, a colagem possibilita o atravessamento do tempo e suas transformações – uma passagem do tempo que não é da ordem cronológica. É essa travessia temporal que garante algum lugar para uma asserção subjetiva (LACAN, 1945/1998).

O exercício da colagem também pode nos remeter tanto ao relato do sonho quanto à associação livre – técnicas fundamentais da psicanálise que possibilitam a liberação dos afetos, dando curso a associações e representações que propiciam o acesso ao inconsciente. As regras para a composição onírica também podem iluminar o processo de composição de imagens na prática da colagem. O processo onírico inclui mecanismos estabelecidos por Freud (1900/2019) que envolvem operações como a condensação e o deslocamento, a figurabilidade ou representação dos pensamentos oníricos e a elaboração secundária.

Dentro do campo onírico, a condensação ocupa esse espaço de omitir conteúdos, permitir que apenas uma parte apareça, fazer fusões e/ou neologismos. O deslocamento inverte e troca sentidos, brinca com o que fica obscuro e o que fica evidente, modificando expressões verbais e pensamentos, por vezes, transformando-os em uma única representação. A figurabilidade envolve transpor narrativas para imagens. Já a elaboração secundária modifica o sonho fazendo com que se apresente coerente e compreensivo, apossando-se de fantasias diurnas.

⁴ Lacan, no texto “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”, propõe uma distinção temporal entre tempo lógico e cronológico. O tempo lógico se desdobra em três momentos: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. O instante de ver retrata o momento de apreensão da cena inicial. O tempo de compreender propõe uma interpretação, construção de hipóteses e elaboração do percebido, já o momento de concluir aponta para uma tomada de decisão. Lacan, em sua teoria, aponta o tempo lógico como organizador da constituição do sujeito e das suas relações, rompendo o entendimento do tempo como puramente cronológico (LACAN, 1945/1998).

Freud (1900/2019) afirma que o sonho em si mesmo já configura um processo de elaboração. A liberação de representações inconscientes recalcadas produz um alívio na força que opera o recalçamento, assim como proporciona uma satisfação do desejo recalcado que encontra no sonho uma forma de realização sem comprometer a integridade do sujeito. Assim, o sonho, por meio de imagens, resgata representações que marcam o psiquismo do sujeito com o que fica no campo do inominável.

A partir dessas considerações sobre o sonho, o colocamos lado a lado com o processo da realização da colagem:

Por vezes colar aleatoriamente, sem pensar na conexão. Imagem ou palavra? Propor. Fazer relação. Testar. Colar. Observar. Silenciar. Esperar ou ser esperado. Dar algo. Receber outro algo. Escutar. Relacionar-se com uma relação já existente. Perceber um ritmo que se estabelece. Ser guiado pelo quê? Procurar. Continuar. Sobrepor? Dispor ao lado? Recortar. Respirar. Colar. Estranhar. (...) Os recortes são subvertidos dos conceitos iniciais, os significados são descolados e reconstruídos ao longo do processo de colagem. Desse modo, o recortar e o colar vão dando novo horizonte para o sonho/pesadelo, torcendo a palavra inicial e a jogando em uma nova construção de imagem e rede de sentidos (KASPRCZAK; ITAQUY, *et al.* 2019, p.159).

A colagem é uma forma de linguagem estabelecida por imagens, mesmo que perpassa palavras, sons e movimentos; ela propicia projeções visuais que remetem ao processo onírico. A imagem passa a ser percebida como tal a partir da sua representação – durante o processo de colagem, no momento do recorte, há uma recusa do dado pré-estabelecido, expressa em uma livre construção no colar e aglutinar figuras.

Durante o ato da colagem, elementos são deslocados, destacados, rasgados, rejeitados em seu contexto inicial. Ao trabalhar com imagens e representações que foram fragmentadas sem saber de antemão o lugar que ocuparão na composição, está-se trabalhando com marcas, signos que se encadeiam em significantes de cada sujeito. Pode-se dizer que o fazer da colagem remonta em modo análogo às formações do inconsciente e do sonho, propiciando uma não linearidade no sentido.

Lacan (1998) afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem enquanto conjunto de significantes e significados que possuem uma relação arbitrária entre si. O que organiza o discurso do sujeito é a cadeia de significantes que se articulam, de forma que nenhum significante representa um significado fixo. A cadeia de significantes possibilita a produção de simbolizações e a inscrição do sujeito na ordem simbólica. Nessa acepção, tem-se o

Significante-Mestre como ponto de ancoragem e disparador da cadeia, permitindo ao sujeito modos de leitura e interpretação do mundo.

Para Lacan, o saber inconsciente consiste na rede de significantes de um sujeito inventado por meio das palavras que pronunciam ou calam o Real. Esta invenção aponta para um saber-fazer com o passado que se atualiza no presente, transformando o vivido (LACAN, 1998). Parte-se do pressuposto de que o significante é uma marca, um traço, não passível de ser lido sozinho. O significante e o signo ocupam espaços diferentes, já que o signo representa alguma coisa para alguém, e o significante representa uma diferença, pois representa o sujeito para outro significante (LACAN, 1961-1962/ 2003).

Rodrigues (2020, p. 54), em sua tese, escreve sobre a montagem:

Quando fazemos essa aproximação de palavras, na escrita, ou de imagens em outros campos, esse arranjo de ideias – que por vezes não estariam juntas sem esse processo de montagem – pode ser considerado um ato de criação.

Pensamos que a prática da colagem, por meio de produção de imagens, pode produzir um enlace na cadeia significante de cada sujeito. Uma vez que a relação com o Outro está dada em todos os momentos da vida do sujeito, as articulações significantes, como constituintes da linguagem, também farão parte do processo da colagem. Não temos, porém, a pretensão de encaixar conceitos psicanalíticos à prática da colagem, mas, sim, estabelecer vizinhanças, tal qual entre os sonhos e a prática da colagem, como modos de montagem.

Aqui, arrisca-se fazer essa aproximação da colagem manual enquanto um modo de arte que pode dar borda à realidade traumática por meio do trabalho com as mãos que constroem, através da criatividade, um modo de denúncia e de testemunho, convocando a deslocamentos. Uma forma de dar borda à realidade traumática, de denunciar e transmitir o vivido e de trabalhar com o sofrido, ofertando possibilidades de deslocamento. Conforme Rivera (2016, p. 44), a arte pode ser capaz de retomar o trauma e de atravessá-lo, “de capturar nosso próprio trabalho de memória, nosso “fantasiar”, transmitindo-nos algo do trauma, ao mesmo tempo em que o trata simbolicamente”.

Marco Antonio Coutinho Jorge (2010) retoma a ideia lacaniana de arte como testemunho do inconsciente, presente por meio dos jogos de palavras existentes nas obras artísticas que remetem ao fato do inconsciente ser estruturado pela linguagem, sendo a criatividade artística um efeito do inconsciente.

Marília Garcia (2025, p. 119), em seu livro “Pensar com as mãos”, escreve:

sempre que entramos em momentos coletivos emergenciais, em que estamos suspensos por uma situação coletiva de exceção, ficamos sem palavras. Por isso talvez a importância nessas horas de encontrar outras formas de dizer, pela via do poema, das imagens, das manifestações visuais.

Considerações finais

Acredita-se que as experiências pertinentes às práticas da colagem manual compõem e demarcam uma linguagem possível diante do mal-estar social e das violências sofridas. Uma colagem é uma obra que, a partir das marcas da cola, recortes de palavras e imagens, papéis rasgados e dobras realizadas, instaura e cria, em uma folha vazia, uma nova imagem, um modo de testemunho e de transmissão iniciados pelas mãos.

Os arquivos do coletivo Artesania dos Dias demarcam um período em que os sonhos passaram a ser um modo de linguagem possível, e a colagem entrou como uma prática coletiva de testemunho de um tempo. A colagem manual passou a ser um modo de aproximação de diferentes mundos em um fazer coletivo, onde o sonho encarado como pesadelo, em muitos momentos, fazia um bordeamento e costurava uma linguagem possível diante do real imposto por uma realidade pouco democrática. Foi uma construção costurada do individual ao coletivo. Sonhos individuais viraram imagens coletivas. Criou-se um modo de trabalho com aquilo que é do eu e é compartilhado pelas mãos dos pares.

As colagens produzidas fazem uma inscrição da memória para que não se produzam esquecimentos e repetições futuras. Através da subversão da lógica da imagem imposta socialmente, propõe-se furos nos discursos totalitários que abram brechas para novos modos de contarmos histórias, estabelecendo, assim, uma aposta no porvir e na construção de uma possível ressignificação. Não se tem por pressuposto dizer ou analisar tudo sobre a prática das colagens – afinal elas também manifestam algo do indizível. Aqui a colagem entra como uma busca por representações ou, até mesmo, uma quebra dos significantes encriptados pelo real do trauma colonial, tal qual nos propõe Andrea Guerra (2024), criando uma linguagem possível que também é produto do inconsciente

Um trabalho clínico-político só é possível por meio da transferência estabelecida, mas também com o corpo dos profissionais envolvidos – um corpo advertido do lugar de poder que ocupa e que percebe o inconsciente enquanto colonizado. É dessa forma que a colagem pode ser vista como um dispositivo disparador de uma clínica-política em psicanálise – um modo de

escuta no campo social através de uma clínica que concebe a constituição do sofrimento psíquico do sujeito também como histórica e social.

REFERÊNCIAS

- BERADT, C. *Os sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três estrelas, 2017.
- BROIDE, J. *A escuta nas ruas*. Entrevista para o Café Filosófico CPFL. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u782x1weUAI>. Acesso em: 22 out. 2025.
- COSTA, A. O. Os tempos da transmissão segundo a lógica de Lacan. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 499-514, dez. 2014 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2026.
- COSTA, A.; MORTAGUA, C.; MAMEDE, D.; SOUSA, E.; HORST, J.; BREGALANTI, L.; ENDO, P. Um inventário de sonhos para nosso tempo. *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 7, n. 9, p. 1-4, 2020.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DUNKER, C.; PERRONE, C.; IANNINI, G.; ROSA, M. D.; GURSKI, R. (Orgs.). *Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- DUNKER, C. O sonho como ficção e o despertar do pesadelo. In: BERADT, C. *Sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- ENDO, P. C. Violências, elaboração onírica e o horizonte testemunhal. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto , v. 17, n. 2, p. 343-349, 2009 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200006&lng=pt&nrm=iso Acesso em 31 ago. 2026.
- FONSECA, A. K. Collage: a colagem surrealista. *Revista Educação - UNG-Ser - ISSN 1980-6469*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 54–64, 2009. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/462> Acesso em: 27 jul. 2025.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4.
- FROEMMING, S. L. *A montagem no cinema e a associação-livre na Psicanálise*. 2002. Tese (Doutorado) - Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

- GARCIA, M. *Pensar com as mãos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2025.
- GUERRA, A. Psicanálise Severina. *(Des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, 2024.
- JORGE, M. A. C. Testemunhos do inconsciente. In: LIMA, M. M.; JORGE, M. A. C. *Saber fazer com o real: diálogo entre psicanálise e arte*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.
- KASPRCZAK, A.; ITAQUY, G.; KNIJNIK, L.; REDIN, M.; TREPTE, R. Por uma artesanaria dos dias: entre sonhos e mãos. *Revista Climacom – A linguagem da contigência*, v. 6, n. 5, 2019.
- KASPRCZAK, A.; ITAQUY, G.; KNIJNIK, L.; REDIN, M.; TREPTE, R. O sonho de alguém, de todos e de ninguém. *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 7, n. 9, p. 7-9, 2020.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 9: A identificação (1961-1962)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 11 (1964)*. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.
- LACAN, J. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada (1945). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998.
- MÁRQUEZ, G. G. *Cem anos de solidão*. Record, 1967.
- MoMA. *Max Ernst, 1924*. The Museum of Modern Art, 2025. Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/79293?artist_id=1752&page=1&sov_referrer=artist
- Acesso em: 09 out. 2025.
- REDIN, M.M. Ainda estamos sonhando. *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, v.8 n. 11, p. 12-15, 2021.
- RIVERA, T. Ensaio sobre arte e testemunho: Rodrigo Braga e a invenção da experiência. *Psicologia USP*, v. 27, n. 1, p. 41–48, jan. 2016.
- RODRIGUES, E. *Montagem - por uma escrita em educação*. 2020. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.
- SZYMBORSKA, W. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SZYMBORSKA, W. *Riminhas para crianças grandes*. São Paulo: Âyiné, 2018.